

O que existe sobre sexualidade nos trabalhos da última edição do ENPEC?

What about sexuality in the works of the last edition of ENPEC?

Resumo

Sempre será importante debater e entender o que vem sendo produzido nas pesquisas científicas sobre o Ensino de Sexualidade, principalmente em tempos de tanta má informação como o que estamos vivenciando nesses últimos anos. Esse artigo tem como objetivo analisar o que existe sobre a temática nos anais de 2017 do Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências (ENPEC), fazendo uma comparação com os trabalhos que já fizeram levantamentos anteriores sobre o tema. Fizemos uma pesquisa bibliográfica, para mapear os trabalhos sobre a temática, utilizando o sistema de busca de trabalhos disponível no site do encontro. Identificamos um grande número de trabalhos que fizeram levantamentos bibliográficos do evento. Identificamos também que as regiões que mais mandaram trabalhos na temática de sexualidade no último evento do ENPEC foram as regiões Norte e Sudeste.

Palavras chave: sexualidade, encontros, escola

Abstract

It will always be important to debate and understand what has been produced in scientific research on the teaching of sexuality, especially in times of as much bad information as what we have been experiencing during these last years. This article aims to analyze what exists on the subject in the annals of 2017 of the National Meeting of Research in Education in Sciences (ENPEC), making a comparison with the works that have done previous surveys on the subject. We did a bibliographical research of the type Mapping, using the system of search of works available in the site of the meeting. We identified a large number of papers that did bibliographic surveys of the event. We also identified that the regions that most sent work on sexuality at the last ENPEC event were the North and Southeast regions.

Keywords: sexuality, meeting, school

A importância da Sexualidade para o Ensino e para a Pesquisa

A educação Sexual (ou o início do que ela seria futuramente) surgiu no Brasil por uma demanda de saúde pública, e não por uma questão social, como a que vivemos hoje (CÉSAR, 2009). O sexo já era objeto de discussões entre médicos e educadores que defendiam a presença de uma educação para a higiene sexual dos jovens brasileiros. Nossa escola vai acompanhando e se moldando ao tempo em que existe. Por isso se analisarmos o contexto histórico com o contexto escolar, veremos que nossas escolas permearam por várias tendências (de conservadora à liberal) ao longo do tempo (CÉSAR, 2009; 2008).

No campo da pesquisa também não é diferente, nossas pesquisas científicas seguem o momento histórico. E, quando se fala em pesquisa moderna, não se pode pensar que essa modernidade ocorreu de maneira linear (do antigo para o novo), e sim, algo que acompanhou diversas revoluções científicas até chegar no que temos hoje. Atualmente, o que se busca são pesquisas interdisciplinares, onde este se tornou necessário para a construção de novos conhecimentos científicos (MADUREIRA, 2007).

Se faz importante o estudo da sexualidade uma vez que a questão de gênero e sexualidade está ligada diretamente a assuntos de saúde pública, como em alguns casos citados por GIFFIN (1994), que aponta que a Questão de gênero e Sexualidade estão diretamente relacionadas as questões de abusos e violências sexuais.

Parte importante da produção do conhecimento científico é sua disseminação para a comunidade científica. Eventos como o Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências (ENPEC) contribuem para essa divulgação não só para pesquisadores da área, mas também para qualquer pessoa que acesse os trabalhos publicados por meio de seus anais e atas na internet. Esses eventos nas áreas de Educação e Ensino de Ciências somam um grande número de trabalhos apresentados e publicados. Sendo assim, acompanhar o que vem sendo pesquisado nessas áreas acaba se tornando uma tarefa complexa. As pesquisas bibliográficas tentam facilitar essa tarefa e deixar o pesquisador (a) mais próximo do que vem sendo produzido na sua área de interesse.

Assim, o presente artigo buscou compreender o que existe sobre a temática nos anais de 2017 do Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências (ENPEC), fazendo uma comparação com os trabalhos que já fizeram levantamentos anteriores sobre o tema do Encontro Nacional de Pesquisa em Ensino de Ciências (ENPEC).

Metodologia

Inicialmente, foi feito um levantamento bibliográfico para realizar um mapeamento dos trabalhos publicados nos anos de 2013 a 2017 do ENPEC. As autoras fizeram a busca dos trabalhos na categoria “listar por palavra chave” no site do evento. A palavra chave utilizada na busca foi “SEXUALIDADE”. No entanto, no ano de 2017, os trabalhos que abordavam ensino de sexualidade estavam divididos em três palavras chaves, “SEXUALIDADE”, “SEXUALIDADE NA ESCOLA” e “SEXUALIDADE NO ENSINO DE CIÊNCIAS”, que foram todas incorporadas na pesquisa.

Os trabalhos receberam uma identificação e foram lidos na íntegra. Informações como: Título, Autores (as), Instituição de Pesquisa, Referencial Teórico, Metodologia e Resultados foram organizados em um quadro. Durante a leitura dos trabalhos de 2017, foram identificados trabalhos que haviam realizado levantamentos bibliográficos de anos selecionados pelas autoras. Dessa forma, decidimos fazer a análise dos trabalhos de 2017 e os trabalhos de Bastos e Pinho (2017) e Melo (2017) que estavam entre esses trabalhos foram utilizados como referências nas análises dos resultados.

Resultados e Discussão

No ano de 2017, foram encontrados um total de oito trabalhos apresentados no ENPEC. Esse resultado indica uma diminuição em relação a edição de 2013 com quinze trabalhos publicados e um pequeno aumento com relação ao ano de 2015 com 5 cinco trabalhos publicados, segundo o levantamento inicial feito pelas autoras. No entanto, o levantamento realizado por Bastos e Pinho (2017) mostra um número bem maior de trabalhos publicados em 2013 e 2015, com vinte e quatro e vinte e dois respectivamente. Segundo os mesmos autores, essa concentração maior de trabalhos nesses anos, pode ser justificada por

discussões, debates, cursos e mesas redondas relacionados com o ensino de sexualidade, que foram incorporadas ao evento.

Na nona edição, verificamos a entrada direta no campo do gênero e sexualidade ao encontrar na programação o debate 1 - Relações de gênero nas pesquisas em Ciências e na pesquisa em Educação em Ciências. Ainda no IX ENPEC foi oferecido o curso Educação em Ciências e Direitos Humanos: repensando a formação do professor. Por fim, no X ENPEC, houve a mesa redonda 3 - Quando a diferença instiga a pesquisa e o ensino: políticas, práticas de inclusão e educação em ciências (BASTOS e PINHO, 2017)

Essa diferença no número de trabalhos pode ser justificada pela metodologia diferente utilizada no nosso levantamento e no de Bastos e Pinho (2017). No trabalho de Bastos e Pinho (2017) foram utilizadas trinta e sete palavras-chaves em seu levantamento.

No ano de 2017, quanto a região em que esses trabalhos foram produzidos, temos a Região Norte e a Região Sudeste com o maior número de trabalhos produzidos com dois trabalhos cada uma. As regiões Nordeste, Centro-Oeste e Sul aparecem cada uma com somente um trabalho publicado. Conforme pode ser observado no Quadro 1. Em um dos trabalhos lidos, não foi possível identificar os autores, a instituição e a região em que foi produzido.

Região	Quantidade	Porcentagem (%)
Região Norte	2	25
Região Nordeste	1	12,5
Região Sudeste	2	25
Região Centro-Oeste	1	12,5
Região Sul	1	12,5

Quadro 1: Quantidade de trabalhos produzidos por região no XI ENPEC.

Essa maior quantidade de trabalhos produzidos na Região Norte se igualando a Região Sudeste, pode ser explicada pelas políticas de investimento ocorridas nos governos federais, principalmente dos anos 2000, como por exemplo a expansão das Instituições de Ensino Superior (IES). Como destaca os autores:

[...] O aspecto importante é que essa expansão ocorreu de forma ampla, beneficiando todas as regiões do país, mas em ritmo mais acentuado no Norte e no Nordeste. Assim, a participação do Norte no total de IES teve incremento de quase 60% no período analisado, ao passo que a do Nordeste, subindo pouco acima de 40%, superou a posição do Sul. (DINIZ e VIEIRA, 2015, p. 111)

Ainda segundo os autores Diniz e Vieira (2015), a quantidade de alunos matriculados em cursos de pós-graduação (stricto sensu) mais que dobrou e a quantidade que se titulou foi quase o triplo no período de 2000 a 2013. Continuam afirmando os autores que:

O melhor desempenho, mais uma vez, coube ao Norte e Nordeste, com incremento considerável, tanto no que se refere às matrículas quanto à titulação, de modo que suas posições no total consolidado do país cresceram fortemente, ao mesmo tempo em que o Sudeste perdeu peso relativo (próximo a 15 p. p.) nos dois indicadores – matrículas e titulação. (DINIZ e VIEIRA, 2015, p. 112)

No ano de 2017, o tema que mais foi encontrado nas pesquisas são os levantamentos bibliográficos, com um total de quatro trabalhos publicados, conforme demonstra o quadro abaixo, seguido por Formação de Professores, Prática de Ensino, Educação Inclusiva e um artigo que apesar de estar listado na palavra chave “Sexualidade”, não possuía como tema principal o ensino de sexualidade. Nos anos anteriores podemos destacar que “os principais objetos de análise focam em pesquisas com estudantes da escola básica (30,23%), seguidos de análise documental (24,81%) e de pesquisas com professoras da escola básica (20,16%).” (BASTOS e PINHO, 2017, p. 8). Os autores ainda destacam que:

A maioria dos trabalhos focam em espaços formais de educação; espaços não-formais e informais praticamente não aparecem. Os trabalhos que se voltaram para pesquisas com outros sujeitos – tais como diretoras ou parentes de alunas – somam 6,98% do total e pesquisas com futuras professoras de Ciências e Biologia somam 6,2%. (BASTOS e PINHO, 2017, p. 8)

Tema	Quantidade	Porcentagem (%)
Levantamento Bibliográfico	4	50
Formação de Professores	1	12,5
Prática de Ensino	1	12,5
Educação Inclusiva	1	12,5
Outro	1	12,5

Quadro 2: Temas dos trabalhos no XI ENPEC

No trabalho de Melo (2017), artigo que também fez levantamento bibliográfico dos trabalhos do ENPEC, dos anos de 1997 a 2015, a autora encontrou que em relação as linhas temáticas disponíveis no evento:

Em relação às áreas ou linhas temáticas disponíveis nos ENPEC para organização dos trabalhos, aqueles cujas temáticas envolveram os aspectos de *gênero*, *sexualidade* e *corpo*, estão entrelaçados a diversas outras discussões, tais como o currículo das escolas básicas e de cursos de graduação, prevenção às infecções sexualmente transmissíveis, gravidez na adolescência, desenvolvimento de materiais educativos e sequências didáticas, saberes docentes, concepções e dúvidas de estudantes, formação de professores, revisão de literatura, livros didáticos, entre outros. (MELO, 2017, p. 5)

No trabalho sobre prática de ensino foi utilizada a metodologia de Narrativas. O trabalho que estava listado na área de sexualidade, mas não tinha relação com o tema, desenvolveu um artigo sobre problematização na área de “zoologia” e “meio ambiente (o ar)”.

O trabalho sobre a formação de professores, analisa o despreparo na prática de dois licenciandos com temas relacionados ao ensino de sexualidade, evidenciando como resultado, que os licenciandos em sua experiência pedagógica, tenderam a desconsiderar as questões surgidas no contexto da sala de aula. A ausência de disciplinas formadoras em sexualidade na universidade dificulta o desenvolvimento de uma prática pedagógica transformadora no cotidiano escolar. A autora Melo (2017), em sua pesquisa, afirma que esse tema se repete ao longo dos anos no evento.

A questão da formação docente com relação a essas temáticas também é um tema recorrente em todas as edições dos ENPEC, o que reforça a importância do papel, da participação e das contribuições de professores/as na formação dos/as estudantes. De uma forma geral, as pesquisas sinalizam

as concepções docentes diante das questões de gênero, sexualidade e corpo, apontando a necessidade de rever a formação docente inicial e continuada; relacionam-se à elaboração e o desenvolvimento de materiais didáticos em sala de aula; e descrevem as principais dificuldades enfrentadas por professores/as ao lidar com as suas próprias inquietações e as de alunos/as a respeito dessa temática. (MELO, 2017, p. 9)

A autora explica que em alguns artigos publicados no ENPEC.

Observa-se uma perspectiva discursiva biologizante, centrada em aspectos anátomo-fisiológicos do corpo humano, deixando de lado os aspectos culturais e sociais implicados na construção da identidade sexual do ser humano, dos seus desejos, dos seus questionamentos, das suas inquietações. (MELO, 2017, p. 4).

A autora continua destacando que muitos desses trabalhos não falam de questões importantes como Orientação Sexual e Homofobia. Sobre homossexualidade a autora comenta que:

Identificamos três artigos cujos títulos referem diretamente à homossexualidade (LONGARAY, RIBEIRO, 2009; BARRETO, ARAÚJO, 2009; COELHO, CAMPOS, 2013)⁸, sendo a temática abordada secundariamente em outros trabalhos. A questão da homossexualidade é considerada ainda como um “problema”, seja nas escolas da rede básica de educação ou nos níveis mais altos de escolarização, como na graduação e pós-graduação, tanto por parte de alunos/as quanto de professores/as, que preferem silenciar ou oprimir o outro, a dialogar ou rever seus (pré) conceitos. (MELO, 2017, p. 7)

Na própria formação docente no curso de Ciências Biológicas, responsáveis na maioria das vezes por essas aulas, temas como a orientação e homofobia não são contemplados pelos currículos. Esses profissionais sentem-se inseguros e despreparados para abordarem tais temas em salas de aula e assim as questões sobre sexualidade são discutidas de maneira biologizante.

Melo (2017) em seus resultados, informa que mais pesquisadores das áreas de educação em Ciências motivados pelo atual contexto político vem despertando seus interesses na pesquisa sobre sexualidade, gênero e corpo. O atual cenário político extremamente conservador e odioso com minorias, desperta um profundo desejo de luta, tanto dessas minorias atacadas em seus direitos como dos pesquisadores e professores que rotineiramente observam a educação ser envolvida por essa onda conservadora.

O “Programa Escola sem Partido” (projeto de lei que visa a fixação de deveres para professores) se disfarça de neutro, mas seu verdadeiro objetivo é abrir espaço para uma ideologia conservadora que afaste das escolas discussões políticas e morais. Também a ideia de que existiria uma “Ideologia de Gênero” que levaria alunos a viver fora do padrão de gênero biológico, levou a criação de um movimento. Que Seffner (2016) define como:

movimento nacional que buscou retirar dos planos de educação – municipais, estaduais e também do plano nacional de educação – as menções a gênero e sexualidade, mas mais fortemente a gênero. Tal movimento ficou conhecido pelo nome de movimento contra a “ideologia de gênero”, e esta expressão adquiriu uma conotação predominantemente negativa no país, terminando por englobar de modo um tanto confuso também as noções de sexualidade. (SEFFNER, 2016, p. 8)

A maior quantidade de trabalhos voltados para os levantamentos bibliográficos em 2017 pode ser justificada pela comemoração de 20 vinte anos do evento. Sendo assim, uma data marcante que desperta o interesse dos pesquisadores. No mesmo ano também se comemora os vinte anos do PCN (Parâmetros Nacionais Curriculares) sobre Orientação Sexual. O que permitiu uma maior discussão sobre o tema. Dos quatro trabalhos sobre levantamentos, dois fizeram levantamentos de 1997 a 2015, um de 2009 a 2015 e 1 um de 2013 a 2015. O trabalho sobre educação inclusiva fala sobre o ensino de ciências na sexualidade de adolescentes com deficiência intelectual. Outros recortes também aparecem nesses trabalhos, como por exemplo, o recorte étnico/racial.

No presente trabalho, queríamos saber qual gênero mais publica em relação ao tema Sexualidade nos trabalhos pesquisados. O resultado foi exposto no Quadro 3.

Gênero	Soma total	Porcentagem (%)
Feminino	6	42,8
Masculino	8	57,2

Quadro 3: Quantidade de autoras e autores presentes na edição do ENPEC de 2017.

No trabalho de Bastos e Pinho (2017), a maioria dos trabalhos eram de autoras (75,4%), justificado pela própria literatura a predominância feminina em artigos sobre sexualidade e gênero. Porém, encontramos um resultado oposto do que se vinha sendo visualizado nos anos anteriores, pois encontramos que mais homens publicaram em 2017. No entanto, nos trabalhos anteriores, também foi percebido um crescimento no número de homens que vinham publicando na área (de 2 autores no III ENPEC para 14 no X ENPEC), portanto justifica-se a maior presença masculina, visto que esta vinha aumentando anualmente.

Tivemos algumas dificuldades de preencher as informações e chegar nesse resultado, fatos que acabaram por dificultar a nossa pesquisa: o primeiro foi um nome de um (uma) dos (das) autores (as), que é utilizado por ambos os sexos (porém, com pesquisa no Lattes, conseguimos identificar o gênero); a segunda dificuldade foi a ausência do nome dos autores e autoras de um dos trabalhos, o que poderia até mesmo mudar o resultado da nossa tabela.

Outro resultado importante encontrado em 2017 por Bastos et al., é que os trabalhos relacionados ao tema sexualidade veem crescendo: saímos de 0 trabalho na primeira edição, para em 2011, 27 dos 1235 trabalhos aprovados falavam de sexualidade, 2,2% do total. Já em 2013, foram 24 de 1060 apresentações, o que equivale a 2,3%. E, por fim, em 2015, dos 1272 trabalhos aprovados, 22 cabiam no recorte, o que representa 1,7% do total. O autor ainda explica depois que em números absolutos não houve queda apesar das porcentagens terem diminuído. Este ponto é bastante positivo, pois temos aí uma maior visibilidade do tema, não somente nos trabalhos citados, como também em mesas redondas e cursos promovidos pelo próprio evento.

Considerações Finais

Podemos perceber que as regiões que mais publicam na área são as que mais tem investimentos na educação voltadas a esse tema. Com relação ao tipo de pesquisa podemos destacar o Levantamento Bibliográfico como a mais presente nos encontros pesquisados, justificado pela presença de marcos importantes na pesquisa, como a criação do próprio ENPEC.

A questão do gênero dos autores e autoras, temos o crescimento para a presença masculina, sem perder o destaque para a presença feminina na autoria dos trabalhos. Este e outros trabalhos apresentados se fazem de suma importância, ainda mais no período atual,

onde estamos sofrendo ameaças da nossa democracia e liberdade de expressão em sala de aula. E, com o conservadorismo em alta, projetos e movimentos como o “Escola sem Partido” e o “Movimento contra a Ideologia de Gênero” podem ganhar força a qualquer momento prejudicando futuras pesquisas e minimizando o ensino de sexualidade, que atualmente já sofre uma perseguição de grupos conservadores ligados ao próprio Estado.

Os trabalhos lidos sempre ressaltavam a importância do tema, como gerador de informação e mais que isso, formador de cidadão. Essa, sem dúvida é a maior conclusão de tudo que lemos e gostaríamos de expor aqui: sexualidade é um tema relevante demais para ser lido apenas como um transmissor de informações de temas biológicos.

Agradecimentos e apoios

Agradecemos a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e ao Grupo de Estudos e Pesquisa em Ensino de Ciências (GEPENCI) da Faculdade de Educação da UFC.

Referências

BASTOS, F; PINHO, R. Sentidos de sexualidade nos anais dos Encontros Nacionais de Pesquisa em Educação em Ciências (1997-2015). In: Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências., 2017, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: ENPEC, 2017. p. 1-11.

CÉSAR, M. Gênero, sexualidade e educação: notas para uma "Epistemologia". **Educar em revista**. N. 35, 2009

DINIZ, C. C; VIEIRA, D.J. Ensino Superior e Desigualdades Regionais: notas sobre a experiência recente do Brasil. **Revista Paranaense de Desenvolvimento**, Curitiba, v.36, n.129, p. 99-115, jul. /dez. 2015.

GIFFIN, K. Violência de gênero, sexualidade e saúde. **Cadernos de Saúde Pública**. V. 10, 1994.

MADUREIRA, A. F. do A. Gênero, sexualidade e diversidade na escola: a construção de uma cultura democrática, 2007.

MELO, A. S. A. F. Operação “Pente Fino”: um levantamento das publicações sobre gênero, sexualidade e corpo nos ENPEC. In: Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências., 2017, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: ENPEC, 2017. p. 1-9.

SEFFNER, Fernando. Atravessamentos de gênero, sexualidade e educação: tempos difíceis e novas arenas políticas. In: Reunião Científica Regional da ANPED., 2016, Curitiba. **Anais...** Curitiba: ANPEDSUL, 2016. p. 1-17.